

MINHAS HISTÓRIAS DE ANDERSEN

ANDREW MATTHEWS
& ALAN SNOW

Tradução de
EDUARDO BRANDÃO



Para Marilyn e Steve
A. M.

Para Edward
A. S.



Copyright do texto © 1993 by Andrew Matthews
Copyright das ilustrações © 1993 by Alan Snow

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The Orchard book of best-loved stories from Hans Christian Andersen

Preparação
Beatriz Antunes

Revisão
Thaís Totino Richter
Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Matthews, Andrew
Minhas histórias de Andersen / Andrew Matthews &
Alan Snow; tradução de Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São
Paulo : Companhia das Letrinhas, 2012.

Título original: The Orchard book of best-loved stories
from Hans Christian Andersen.
ISBN 978-85-7406-552-6

1. Andersen, Hans Christian, 1805-1875 2. Ficção —
Literatura infantojuvenil I. Snow, Alan. II. Título.

12-11243

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura infantil 028.5
2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

[2012]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
O SOLDADINHO DE CHUMBO	7
POLEGARZINHA	12
O PINHEIRINHO DE NATAL	23
A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS	30
A CAIXA MÁGICA	33
A PRINCESA E A ERVILHA	43
O PATINHO FEIO	46
OS CISNES SELVAGENS	55
O TRATADOR DE PORCOS	68
A PEQUENA SEREIA	74
A ROUPA NOVA DO IMPERADOR	87
<i>SOBRE O AUTOR</i>	95
<i>SOBRE O ILUSTRADOR</i>	95



O SOLDADINHO DE CHUMBO

— OBA, SOLDADINHOS DE CHUMBO! — exclamou o menino ao abrir o embrulho do presente de aniversário.

Tirou com todo o cuidado os soldadinhos da caixa e colocou-os em cima da mesa, como se desfilassem numa parada.

Eram vinte e cinco soldadinhos, de farda vermelha e azul, marchando com seus fuzis no ombro. Eram todos iguais, menos um. Tendo sido feito por último, quando o chumbo estava acabando, tinha uma perna só. Mesmo assim, mantinha-se tão aprumado quanto os demais.

Havia outros brinquedos na mesa. O mais espetacular era um castelo de papel. Em frente ao castelo havia um lago feito de espelho, rodeado por árvores de papel. No lago nadavam belos cisnes de cera, cujas imagens se refletiam na água.

Era tudo muito lindo, mas a bailarina de papel que aparecia quando a porta do castelo estava aberta era ainda mais. Sua roupa era branca, e seus ombros estavam cobertos por um xale feito com fita azul. Grudada ao xale, havia uma lantejoula cintilante do tamanho do rosto da bailarina. Seus braços estavam estendidos, e uma de suas pernas fora levantada tão alto que o soldadinho mal podia vê-la.

“Ela tem uma perna só, que nem eu!”, ele pensou. “Seria a esposa perfeita para mim! Mas ela mora num castelo, e eu dividido

uma caixa com outros vinte e quatro soldados. Aqui não tem lugar para uma dama. Ah, se pelo menos eu pudesse falar com ela!”

O soldadinho se escondeu atrás de uma caixinha de música e ficou espiando a bailarina, que se movia lindamente na ponta do pé.

À noite, os outros soldados foram guardados dentro da caixa. Assim que as pessoas da casa foram dormir, os brinquedos começaram a conversar e brincar. Os lápis desenhavam nos livros de colorir, o ursinho de pelúcia dava cambalhotas. Os soldadinhos de chumbo se agitavam na caixa, tentando levantar a tampa para se juntar aos outros brinquedos. Os únicos que permaneciam quietos eram a bailarina e o soldadinho, que continuava em posição de sentido, em pé sobre sua única perna, olhando para ela sem piscar.

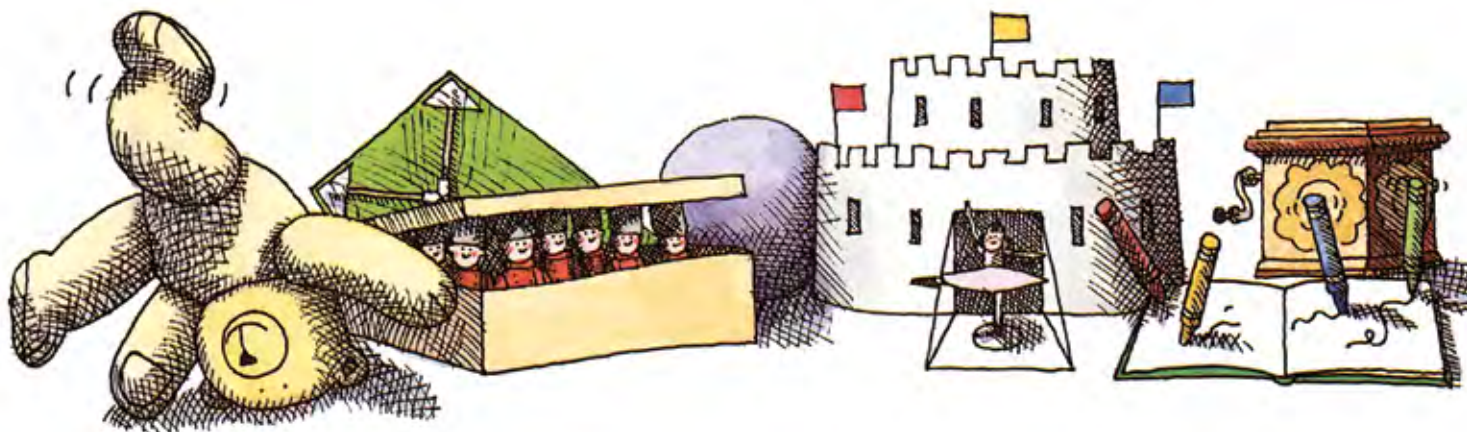
Deu meia-noite. A tampa da caixinha de música se abriu, e sua mola fez saltar para fora um ogro miúdo e horroroso.

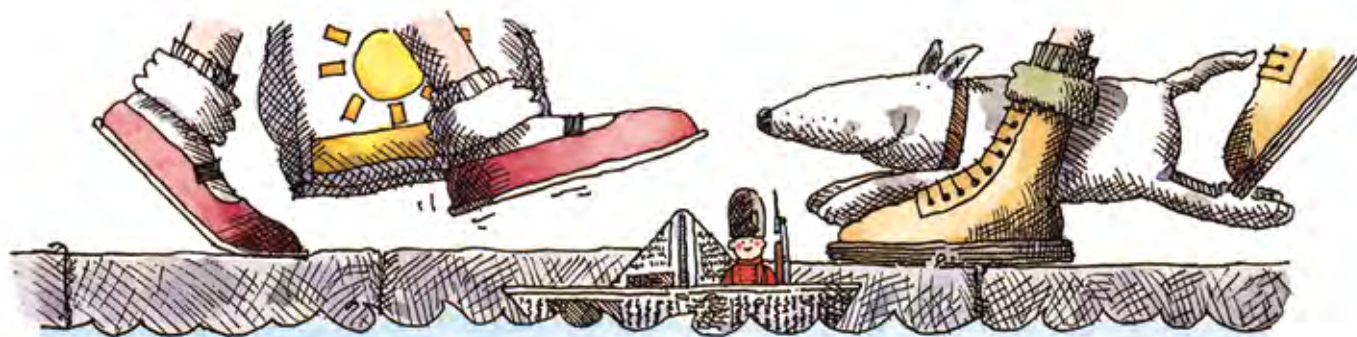
— Ei, soldadinho de chumbo! — rosnou ferozmente o ogro.
— Tire já esses olhos da bailarina!

O soldadinho ignorou-o.

— Ah, não quer me obedecer? Então espere até amanhã e verá! — ameaçou o ogro.

De manhã, quando as crianças acordaram, o soldadinho foi posto no beiral da janela. Não sei se foi o vento ou o feitiço do ogro, mas o caso é que a janela se abriu, e o soldadinho caiu na





rua. Caiu de cabeça e bateu a barretina — que é o nome daquele seu chapéu — com toda força na calçada. *Crac!* As crianças que brincavam na rua, apesar de terem quase pisado no soldadinho, não o viram.

Começou a chover a cântaros. Dois meninos subiam a rua às carreiras, cobrindo a cabeça com um jornal para não se molhar, e eles, sim, viram o soldadinho:

— Olhe, um soldadinho de chumbo! — gritou um deles. — Vamos fingir que ele é um marinheiro?

Fizeram um barquinho de jornal, instalaram o soldadinho dentro e puseram o barco na correnteza que se formara na sarjeta. O barco navegava aos trancos e barrancos mas, apesar de balançar, de rodopiar, de tombar de um lado e de outro, o soldadinho se mantinha o tempo todo em posição de sentido, com o fuzil no ombro.

“Aposto que isso é obra do ogro!”, pensou o soldadinho. “Onde será que vou parar? Ah, se a bailarina estivesse aqui comigo, pouco me importaria o lugar para onde estou indo!”

Um rato surgiu de dentro do bueiro.

— Seu passaporte! — guinchou.

O soldadinho continuou imóvel, mantendo o fuzil ainda mais firme no ombro. O barquinho continuou singrando rumo ao bueiro.

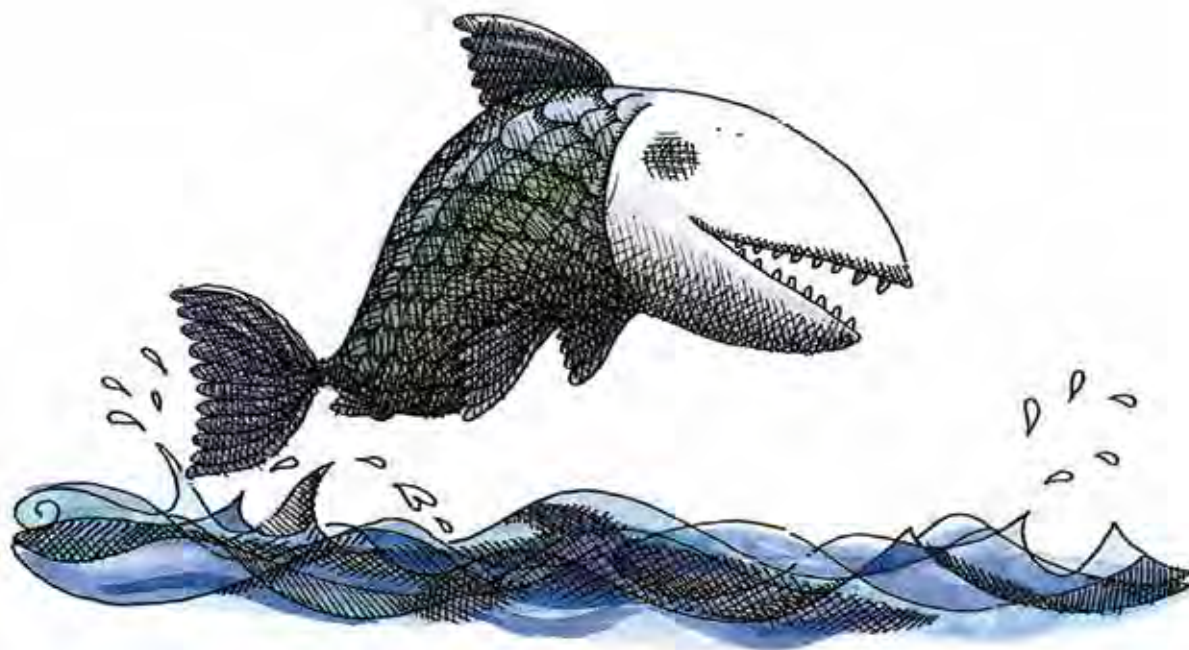
— Volte aqui! — berrou o rato. — Ninguém pode entrar no bueiro sem carimbar o passaporte!

O barquinho caiu no bueiro, levado pelas águas da chuva que despencavam num canal profundo, com um estrondo igual ao de uma catarata. O barco rodopiava loucamente na correnteza, mas o soldadinho se mantinha o mais firme e aprumado possível, até mesmo quando o barco começou a naufragar.

— Nunca mais vou ver a bailarina de papel! — suspirava o soldadinho com tristeza, a água já quase cobrindo sua cabeça.

Bem nesse instante, tudo ficou escuro que nem breu: um bairta de um peixão tinha acabado de engoli-lo!

“Que escuridão faz aqui! E como é apertado!”, pensou o soldadinho. “Tenho de ser corajoso e aguentar firme!”



O peixe pulava, contorcia-se, dava rabanadas, mas foi parando, parando... até ficar imóvel. Muito depois, a luz brilhou e uma voz gritou:

— Um soldadinho de chumbo!

O peixe tinha sido pescado, vendido no mercado e levado para uma cozinha, onde a cozinheira o tinha aberto com sua faca afiada. A cozinheira pegou o soldadinho e foi mostrar para todo mundo o que o peixe tinha engolido.

O soldadinho foi posto em cima da mesa e — veja você! — percebeu que estava na mesma sala de antes! Viu o menino, o castelo e a bailarina, ainda na ponta do pé. O soldadinho olhou para ela, sem dizer nada.

Pode ter sido pura maldade, pode ter sido o ogro de novo, mas o caso é que o menino de repente pegou o soldadinho e jogou-o na lareira. O soldadinho ficou firme, aprumado tanto quanto pôde, mas sentiu que derretia pouco a pouco.

O soldadinho olhou para a bailarina, que também olhou para ele.

Uma porta bateu em alguma parte da casa e uma corrente de ar fez a bailarina voar direto para a lareira. Ela ficou um instante junto do soldadinho, até pegar fogo e virar cinzas.

Na manhã seguinte, ao limparem a lareira, tudo o que havia sobrado da bailarina era sua lanterna carbonizada.

E o soldadinho? Ele derreteu, transformando-se num pedacinho de chumbo em forma de coração.

